

RADAR

Debate sobre Revolução Farroupilha contrapôs-se à visão “tradicional”

Um debate que desagradou a setores que vêm na comemoração da Revolução Farroupilha uma forma de exaltação à figura do “gaúcho”, do “tradicionalismo”, mas que agradou àqueles que desejam ver resgatado no episódio ocorrido no Rio Grande do Sul, entre 1835 e 1845, o aspecto de contestação ao Império, e que teve a participação não somente dos grandes proprietários de terra (a oligarquia rural), mas também dos que o historiador e vereador Raul Carrion (PC do B-Porto Alegre) classificou de despossuídos: negros, índios, mulatos, brancos pobres, entre outros segmentos. O *Cultura na SEDUFSM* do dia 12 de setembro teve como tema “Revolução Farroupilha- 170 anos” e trouxe ao Auditório da SEDUFSM cerca de 70 pessoas. Além de Carrion, participaram os professores Júlio Quevedo dos Santos (departamento de História da UFSM), Vânia Cunha Pires (professora de História na Escola Estadual Cilon Rosa). O coordenador do debate foi o professor Diorge Konrad (departamento de História da UFSM).

Em sua participação, a professora de História da rede estadual, Vânia Pires, além de questionar a visão “tradicional” sobre as questões do gaúcho, sobre a mística em torno dos CTGs (Centro de Tradições Gaúchas), também fez um desabafo a respeito do descaso no que se refere ao ensino de história do Rio Grande do Sul. Segundo ela, a implementação do PEIES (Programa Experimental de Ingresso ao Ensino Superior) pela UFSM, com a delimitação dos assuntos a serem cobrados dos alunos do ensino médio, fez com que a história do Rio Grande do Sul ficasse em segundo plano. Com isso, pensa Vânia, o que prevalece acaba sendo a visão tradicional, que é passada de forma distorcida e reforçada pelos meios de comunicação.



FOTOS: RENATO SEERIG

Debate abordou outros ângulos da luta contra o Império



Vânia: desinformação na escola



Quevedo: omissões históricas



Carrion: importância dos 'despossuídos'

Gaúcho: bárbaro ou valente?

Para o professor Júlio Quevedo, apesar do Rio Grande do Sul cultuar intensamente as tradições advindas da Revolução Farroupilha, o fato é que a historiografia oficial que foi implementada em boa parte no período de Getúlio Vargas como presidente da República, transformou a imagem do sul rio-grandense, visto como “bárbaro” por ter lutado nos conflitos de manutenção das fronteiras com os países do Prata, passando à imagem de “valentia”, que comandou epopéias de conquistas do povo gaúcho. Foram omitidos, conforme o professor, os aspectos negativos da guerra farrapa, como, por exemplo, o fato de o Estado ter ficado quebrado economicamente. O mito da democracia racial também teria evitado que se contasse, por exemplo, sobre a participação importante dos “lanceiros negros”, batalhão de combatentes negros que lutou ao lado dos revolucionários.

Os lanceiros negros e os extremismos

Na ótica de Raul Carrion, que tem pesquisa sobre “os lanceiros negros”, há duas visões extremas e contraditórias sobre a Revolução Farroupilha que não contribuem para a compreensão do processo. Uma das visões, conforme ele, mais esquerdista, diz que o conflito foi feito apenas por estancieiros, e que, negros e índios, por exemplo, foram apenas “massa de manobra”. A outra, em sentido contrário, enaltece apenas o papel da oligarquia rural e esquece a participação dos segmentos excluídos. Para Carrion, é preciso resgatar a importância de cada um dos segmentos, sem ser idealista e nem ingênuo. O historiador e vereador diz não ser contra o Movimento Tradicionalista, nem contra o folclore, pois este existe em todos os povos. Entretanto, acha que o próprio MTG precisa buscar o resgate dos pontos omitidos pela historiografia oficial.

Traição de porongos

Na madrugada do dia 14 de novembro de 1844 houve o 'Massacre de Porongos', onde os Lanceiros Negros- previamente desarmados por Canabarro e separado do resto das tropas foram atacados de surpresa e dizimados pelas tropas imperiais comandados pelo Coronel Francisco Pedro de Abreu (Moringue), através de um conluio entre David Canabarro e o Duque de Caxias, para se livrarem dos negros em armas e forçarem a assinatura da Paz de Ponche Verde. Esse é um trecho escrito pelo historiador Raul Carrion em “Revolução Farroupilha- mais longa revolta republicana enfrentada pelo império centralizador e escravocrata”.

Na pequena obra escrita por Carrion, relatos de Spencer Leitman esclarecem sobre o *Massacre de Porongos*:

“Caxias confiava no poder do ouro. Com poderes ilimitados e verbas consideráveis para sobrepor-se aos 'obstáculos pecuniários' que surgissem ao negociar com os líderes farrapos, ele tentou um acordo com David Canabarro, o principal general farrapo, para terminar a guerra. De comum acordo decidiram destruir parte do exército de Canabarro, exatamente seus contingentes negros, numa batalha pré-arranjada, conhecida como a 'Surpresa dos Porongos'.”

Mais adiante: “A 'Surpresa de Porongos' abriu caminho para a Paz de Ponche Verde alguns meses depois. Os negros farrapos haviam sofrido um grande revés. Oitenta de cada cem mortos no campo de batalha eram negros.”